

DOI: 10.2436/20.8070.01.28

**Evolução histórica do destino turístico Maceió-Alagoas-Brasil:
de antecedentes à atual situação**

Daniel Arthur Lisboa de Vasconcelos

Doutorando em "Cidades", Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas, UFAL, Brasil
Professor do Curso de Graduação em Turismo, UFAL, Brasil
E-mail: daniel_tur@hotmail.com

Lindemberg Medeiros de Araujo

Doutor em Planejamento do Turismo pela Sheffield Hallam University, Inglaterra, UK
Docente do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (Igdema)
Docente do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: lmedeirosbr@gmail.com

Silvana Pirillo Ramos

Doutora em Sociologia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil
Docente do Curso de Turismo da Universidade Federal de Alagoas, Brasil
Professora Visitante do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo
Universidade Federal de Alagoas, Brasil
E-mail: silvanapirillo@uol.com.br

Resumo

Este artigo consiste em um estudo qualitativo, descritivo e analítico de caso, que trilha o percurso histórico do desenvolvimento turístico da destinação Maceió-Alagoas-Brasil, até a atualidade, tendo como base uma adaptação qualitativa de modelagem de Ciclo de Vida de uma Destinação Turística, baseada no Modelo de Butler (1980) e no estudo de Rangel (2010). Para a realização desse trabalho, utilizamos dados de revisão bibliográfica, revisão documental, e a aplicação de entrevistas semiestruturadas com agentes de alta relevância na gestão pública do destino na última década. Como resultado dessa reflexão, constata-se que, historicamente, o turismo de "sol e praia" é o segmento predominante nesse destino, modelando e remodelando o espaço urbano de Maceió, com notável privilégio de equipamentos turísticos e urbanos, concentrados em trechos específicos do litoral da cidade, e conduzindo as ações políticas e mercadológicas para o fomento do destino. Também conclui-se que, há aproximadamente dez anos, o destino passa por uma fase de rejuvenescimento de sua demanda, não obstante várias limitações de ordem ambiental, política, social e cultural existam para o logro da sustentabilidade desse rejuvenescimento.

Palavras-Chave: Evolução; História; Destino Turístico; Maceió-Alagoas-Brasil.

Introdução

Com uma população aproximada de 1 milhão de habitantes, Maceió é a atual capital do Estado brasileiro de Alagoas, e está completando 200 anos de emancipação política. Possui clima tropical litorâneo, no qual geralmente os meses mais quentes são dezembro e janeiro, quando a temperatura alcança máximas de 36° C, sendo os meses menos quentes julho e agosto, com temperaturas mínimas em torno de 21° C, e um litoral com convidativas praias, elementos naturais que configuram um lugar propício para o turismo de sol e praia durante grande parte do ano. Mesmo sendo a cidade de maior importância econômica de Alagoas, não possui atividade industrial relevante, sendo o turismo e a cadeia produtiva ligada a comércio e serviços, suas principais atividades econômicas.

Vale ressaltar que Maceió, enquanto destinação turística, tem uma história recente, em comparação com os destinos pioneiros no mundo, a exemplo dos destinos de primeira e segunda geração. A primeira geração desenvolveu-se, até meados do século XX, ao longo do litoral norte europeu, em áreas mais industrialmente avançadas (principalmente Inglaterra: Morecambe, Blackpool, etc.), e a segunda ao longo das áreas centrais do litoral do Mar Mediterrâneo, a partir da década de 1960 (Knowles; Curtis, 1999). Ressalte-se que, desde o início da massificação do turismo moderno, até a atualidade, grande parte desses viajantes buscava, e ainda busca, os atrativos ligados ao chamado turismo sss (sun, sand and sea).

Em termos de evolução histórica da atividade turística, no caso aqui estudado, para autores como Veras Filho (1991), Costa (1998) e Rangel (2010) é a década de 1970 que marca os primórdios da expansão da destinação Maceió, com a melhoria da infraestrutura básica e de equipamentos turísticos na cidade. Rangel (2010), inspirado no modelo de Butler (1980), também situa temporalmente as seguintes fases do ciclo de vida do destino: antecedentes turísticos (anterior a 1978), desenvolvimento (1979-1985), consolidação (1986-1988), estagnação (1989-1996) e pós-estagnação (a partir de 1997).

Segundo Rangel (2010), o destino Maceió evoluiu do início da sua fase de desenvolvimento (1979) até o final da fase estagnação (1996) em apenas 17 anos. Esse célere ritmo evolutivo resultou de uma série de fatores intervenientes no sistema local de turismo, que variam desde elementos internos, tais como crises administrativas e problemas ambientais, até fatores externos, como crises econômicas nacionais e a competição de outras destinações.

A capital alagoana sempre foi considerada o principal destino de turismo nesse estado, encontrando-se em uma fase peculiar de possível retomada de crescimento na sua atividade turística. Dessa forma, esse artigo objetiva trilhar o percurso histórico dessa destinação, com base no modelo de ciclo de vida proposto por Rangel (2010), culminando com uma análise do momento atual. Esse trabalho consiste em um estudo de caso, de natureza qualitativa, descritiva e analítica, baseado em dados obtidos através de revisão bibliográfica, pesquisa documental e realização de entrevistas semiestruturadas com agentes influentes no desenvolvimento turístico de Maceió.

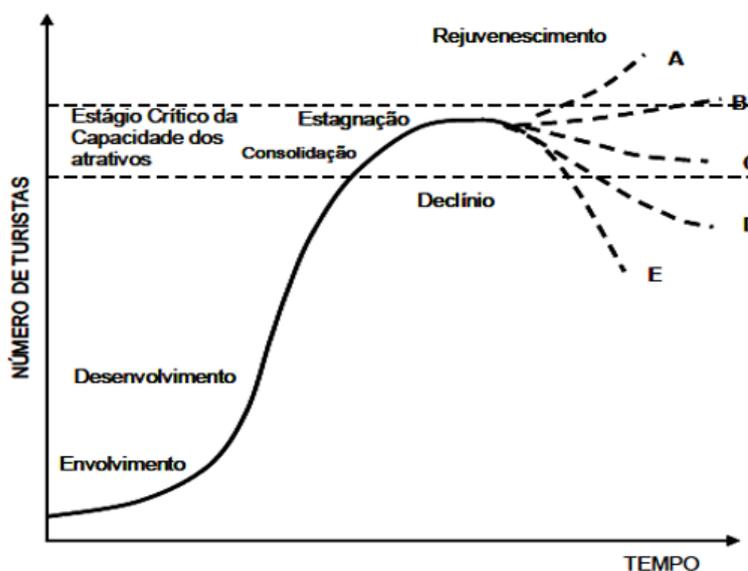
2 Evolução do turismo em Maceió

Nesse trabalho, ora descrevemos e ora analisamos alguns fatos históricos selecionados ligados à evolução de Maceió enquanto destino turístico. Muitos desses fatos também foram interpretados no pioneiro estudo de Rangel (2010), até o ano de 2009, em sua dissertação

sobre o ciclo de vida desta destinação, o qual teve como base teórica o modelo de Butler (1980).

Considerado um dos autores mais citados nos estudos sobre destinações turísticas (HALL, 2006), Butler desenvolveu um modelo, em língua inglesa denominado TALC (*Tourism Area Life Cycle*), o qual distingue fases evolutivas de uma área turística, quais sejam: exploração, envolvimento, desenvolvimento, consolidação e estagnação, sendo que esta última fase pode evoluir para declínio ou rejuvenescimento. A importância desse modelo dá-se, por ele permitir descrever, analisar e interpretar o desenvolvimento de uma destinação turística em função do número de turistas no decorrer temporal, como representado na figura 1.

Figura 1: Representação Gráfica do Ciclo de Vida da Destinação Turística.



Fonte: Adaptado de Butler (1980).

Nesse modelo, as fases compreendidas entre os estágios de exploração e consolidação apontam o crescimento do destino, já o estágio de estagnação representa declínio gradual do número de turistas. O fim do TALC é representado pela pós-estagnação, sendo que esse estágio pode levar a uma série de fases (vide figura 1, curvas A, B, C, D e E) para as quais o destino pode evoluir. Por exemplo, vários níveis de declínio podem ocorrer de acordo com o grau de perda de atratividade (figura 1, curvas C, D e E). Porém, se medidas forem tomadas, a perda de atratividade pode ser revertida, com possibilidade de diferentes graduações de rejuvenescimento, a exemplo das curvas A e B da figura 1 (AGARWAL, 1997). Contudo, não obstante o próprio Butler (1980) e autores como Tooman (1997) afirmarem que tais fases do TALC são uma tendência geral da maioria dos destinos, há autores que defendem a possibilidade de que há destinações que podem não cumprir esses estágios precisamente. Ainda, há autores que adaptam o modelo e a terminologia das fases para cada caso estudado.

Como vimos, para o caso de Maceió, Rangel (2010) realizou pesquisa qualitativa sobre o ciclo de vida do turismo local, e situou temporalmente as seguintes fases: antecedentes (1937-1978), desenvolvimento (1979-1985), consolidação (1986-1988),

estagnação (1989-1996) e pós-estagnação (a partir de 1996). O quadro 1, que será desenvolvido detalhadamente nas próximas seções, tenta sintetizar a evolução histórica sugerida por esse autor:

Quadro 1 - Fases do Desenvolvimento Turístico do Destino Maceió

FASE	PERÍODO	COMENTÁRIOS
Antecedentes	... – 1978	Período que sugere o primeiro contato dos turistas com a destinação Maceió. De acordo com Rangel (2010), esse momento abarca os fatos anteriores à inauguração do Hotel Jatiúca, importante marco para o turismo de Maceió.
Desenvolvimento	1979 – 1985	Inicia-se com a inauguração do Hotel Jatiúca, momento a partir de quando: “a destinação Maceió se tornou rapidamente conhecida no Brasil, e passou por um rápido processo de crescimento da demanda nos anos imediatamente à frente” RANGEL (2010, P.156).
Consolidação	1986 – 1988	Divulgação e crescimento da hotelaria nessa fase de consolidação, em que a localidade: “[...] se consolidou como uma destinação turística. Maior fluxo hoteleiro de Maceió ocorre em 1986 e pequena redução da demanda nos anos seguintes, com problemas ambientais e de gestão pública” RANGEL (2010, P.156).
Estagnação	1989 – 1996	Nessa fase: “[...] depois de gozar de grande reputação como destinação turística de “sol e praia”, Maceió entra em estagnação, como resultado de problemas políticos do estado e do município e também por causa da grave situação ambiental que atingiu a destinação no período” RANGEL (2010, P.156).
Pós-Estagnação	1997 – ...	“A partir de 1997, a destinação voltou a apresentar avanços na sua demanda mas não experimentou em nenhum momento alguma retomada significativa que permitisse a identificação de um rejuvenescimento da demanda [...]” RANGEL (2010, P.156).

Fonte: Adaptado a partir de Rangel (2010).

2.1 Antecedentes do turismo em Maceió

Apesar de alguma literatura identificar atividades turísticas na cidade de Maceió e no Estado de Alagoas anteriores à década de 1930, tais dados são genéricos e esparsos. Dentre as poucas publicações existentes acerca da História do Turismo em Maceió, a única que descreve alguns elementos referentes às primeiras décadas do século XX é a obra de Moreno Brandão, um opúsculo, ou folheto, segundo o próprio autor, intitulado *Vade Mecum* do Turista em Alagoas, de 1937. Segundo seu autor, essa provavelmente seria a primeira vez que os aspectos pitorescos do Estado poderiam ser conhecidos, mesmo que à distância, por pessoas que não residiam em Alagoas.

Entretanto, conforme Brandão (1937) o surgimento das práticas turísticas nesse Estado aconteceu por volta dos fins do século XIX e início do século XX, quando o cenário da cidade de Maceió contava com dois grandes e importantes cassinos, os quais foram extintos pelo governador Costa Rego. Nessa época, conforme esse autor, a então capital tinha sua vida social concentrada no Centro da cidade, com destaque para a já conhecida Rua do Comércio.

Agora vamos imaginar Maceió antes da Segunda Grande Guerra Mundial. Rua do Comércio, com sua tortuosidade, seus bondes elétricos, suas lojas, seus cafés, seus bares. Maceió vivia seu maior apogeu literário, e era normal, nas tardes ensolaradas, encontrar vagando, por nossa outrora principal rua, ou na esquina, no Café Central, [...], o escritor Graciliano Ramos, o gramático Aurélio Buarque de Holanda, o poeta Jorge de Lima [...] bem como o escritor paraibano José Lins do Rego, que na época aqui residia e escrevia um romance "Riacho-Doce". Também residia em Maceió a ilustre cearense Raquel de Queiroz, [...], que adorava tudo isto aqui e também poderia ser vista nas proximidades (VERAS FILHO, 1991, p. 36).

Ainda segundo Veras Filho (1991), uma preocupação oficial com a prática do turismo ocorreu na década de 1950, quando a portaria nº 268, de 1957, instituída pelo governador Sebastião Marinho Muniz Falcão, que incumbiu aos jornalistas Josué Junior e Rodrigues de Gouveia o trabalho de estudarem a atividade turística de Pernambuco, em Recife, e dessa forma trazer subsídios suficientes para ajudar a implementar as técnicas de gestão do turismo pernambucano na realidade alagoana, no ano seguinte. Tais esforços, porém, não lograram ações práticas.

No ano de 1958, a Lei N. 575 instituiu o Código Municipal de Maceió, através do qual disciplinou-se a Taxa de Turismo e Hospedagem, a qual incidia sobre os gastos em hotéis e, tinha como objetivo, o desenvolvimento turístico e o incentivo ao intercâmbio político-econômico municipal. No mesmo ano, outra lei (Lei n. 598 de 31/05/1958) instituiu o serviço de turismo da Prefeitura Municipal de Maceió, destinado a promoção e incentivo do Turismo na capital, por intermédio de ações como a divulgação de belezas naturais e paisagísticas, orientação e auxílio aos visitantes, prestação de informações, organização de excursões e passeios a atrativos pitorescos, e centralização de atividades diretamente ligadas ao turismo (VERAS FILHO, 1991).

A partir de 03 de maio de 1958 percebem-se algumas iniciativas de qualificação para profissionais do setor, com a instituição de cursos regulares destinados a taxistas, garçons e inspetores de trânsito, os quais abordavam relações públicas, boas maneiras e a história de Maceió. Nesse mesmo ano, foi também instituído um Serviço de Turismo da Prefeitura Municipal (MARTINS, 2006), sobre o qual o autor não explicita a finalidade. Posteriormente, no ano de 1961, no governo do então prefeito Sandoval Caju, foi elaborado o primeiro plano turístico de Maceió, mas o impacto desse plano ainda foi incipiente, apesar desse sugerir a elaboração de calendários e guias turísticos locais, assim como a construção de dois museus (COSTA, 1998).

No que se refere à infraestrutura turística, antes da expansão da década de 1970, registra-se que o primeiro hotel – o Bela Vista Palace Hotel – foi construído em meados da década de 1920, sendo demolido entre 1964 e 65.

Figura 2: Bela Vista Palace Hotel, em Maceió, no ano de 1945.



Fonte: Imagem de domínio público.

Nesse período, a infraestrutura que Maceió tinha para oferecer aos turistas era restrita, as acomodações eram poucas, sendo oferecidas por hotéis como o Majestic, o Beiriz, o Central, o Hotel dos Palmares e o Bela-Vista Palace Hotel, e vale ressaltar que a rede hoteleira estava situada numa área entre o centro da cidade e a Praia da Avenida Duque de Caxias, importante corredor urbano dessa época. (VERAS FILHO, 1991).

Figura 3: Orla da Avenida Duque de Caxias, em Maceió, no ano de 1963.



Fonte: Imagem de domínio público.

Em se tratando de gestão pública do turismo, o primeiro órgão voltado para o desenvolvimento turístico em Alagoas surgiu em 1968, na capital, quando o então Governador de Alagoas Antônio Semeão Lamenha Filho criou o Conselho Estadual de Turismo - Cetur, vinculado à Secretaria de Planejamento. A partir do Cetur, foram estabelecidas algumas parcerias com o Serviço Social do Comércio – Sesc/AL, o Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial - Senac, Programa Intensivo de Preparação de Mão de Obra - Pipmo, Prefeitura de Maceió, dentre outros parceiros, para a realização de algumas iniciativas como, por exemplo, cursos voltados para o turismo e os concursos para a Rainha do Verão (ALAGOAS, [20--]; COSTA, 1998).

Na década de 1970, outro órgão de turismo foi criado para dar continuidade ao desenvolvimento da atividade. Durante o governo estadual de Afrânio Lages, a partir da Lei 3148, de 14 de Maio de 1971, surgiu então a Empresa Alagoana de Turismo - Ematur, destinada a fomentar o turismo e atividades correlatas no Estado (ALAGOAS, 1971).

Com o formato jurídico de uma Sociedade de Economia Mista, tal entidade era vinculada à Secretaria de Planejamento, sendo administrada por uma Diretoria Executiva, presidida pelo Secretário de Planejamento, foi integrada ao Cetur, o qual tinha como atribuições “[...] definir, planejar e coordenar a política de turismo no Estado de Alagoas” (ALAGOAS, 1971).

Inicialmente o órgão funcionou em uma sala emprestada no Instituto de Terras de Alagoas – Iteral, na época situado na Avenida Duque de Caxias, posteriormente mudando-se para a antiga Estação Rodoviária de Maceió. A Ematur desenvolveu atividades de apoio e promoção de eventos, pesquisas de fluxo turístico, promoção do destino Alagoas para todo o país, etc., como a distribuição do primeiro *folder* turístico sobre Maceió, a participação na inauguração do Hotel Luxor, e intervenções nas negociações para os terrenos de futuros grandes empreendimentos hoteleiros, como o Hotel Beira-Mar, o Jatiúca, que marcou época no turismo de Alagoas, e inclusive o Ponta Verde, instalado em um prédio inicialmente projetado para apartamentos residenciais.¹

Contudo, conforme Veras Filho (1991), nessa década o turismo ainda engatinhava, não somente no estado de Alagoas, mas também no Brasil. Jornais sensacionalistas do sul do país consideravam o Nordeste uma região difícil de ser visitada, com dificuldade de acesso, pobreza e violência, além de ser lugar de calor insuportável, notícias que afugentavam os investidores, os quais não se aventuravam em investir nesse propagado contexto. Esse autor (Id. Ibid) também comenta que Maceió era uma cidade pequena e ilhada, com difícil acesso pela BR-101, tanto Norte quanto Sul; com seu aeroporto Campo dos Palmares padecendo de dificuldades em receber voos, por conta das intermináveis reformas da época; também um cais de porto impossibilitado de receber quaisquer transatlânticos em sua parca estrutura, além de, conforme aponta Bastos (1998), problemas com abastecimento de água, de energia elétrica, e de poluição no Riacho Salgadinho.

Para termos uma ideia geral, no que se refere à pobre infraestrutura hoteleira da cidade, em 1970 o Brasil contava com 132 hotéis de categoria, com total de 14.340 apartamentos que se enquadravam nas normas do Conselho Nacional de turismo da época, sendo que no país, três apenas eram classificados como "grandes", 76 como "médios" e 53

¹ Informações cedidas em entrevista, em 06/10/2015, por José Guido do Rêgo Santos, diretor fundador da Ematur, em 1971.

considerados "pequenos". Nesse contexto, Maceió não contava com um hotel categorizado, tendo apenas 207 apartamentos distribuídos entre três hotéis: 116 no Parque, 49 no Beiriz e 42 apartamentos no Califórnia (VERAS FILHO, 1991). Tal situação exigia urgentes iniciativas por parte dos fomentadores do Turismo local, e extensivamente para toda Alagoas. Em 1971, foi realizada a reforma do aeroporto de Maceió – então chamado Campo dos Palmares.

Contudo, a década de 1970 prenunciou uma etapa de crescimento e modernização do turismo em Maceió. A cidade cresceu, a orla do bairro de Pajuçara, onde se situa até hoje o famoso ponto turístico denominado “Sete Coqueiros” (vide figura 5) foi urbanizada em 1974; também foi aberta a avenida que atualmente liga o bairro de Ponta Verde (onde antigamente estava situado outro coqueiro famoso, o Gogó da Ema, que tombou com o tempo (figura 4) à chamada Lagoa da Anta, hoje denominada Avenida Álvaro Otacílio. A partir dessas transformações urbanas, foram inaugurados restaurantes e hotéis de grande porte nessa parte da cidade. Com isso, o trecho de orla formado pelos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca se tornou a área central da urbanização turística² da cidade.

Figura 4: Antigo Gogó da Ema, peculiar coqueiro, localizado na Ponta Verde, que virou símbolo de Maceió no período dos antecedentes do seu desenvolvimento turístico.



Fonte: Imagem de domínio público (s.d.).

² Mullins (1991), ao estudar o processo de “urbanização turística” no litoral da Austrália, teoriza que essa forma de urbanização ocorre em cidades turísticas, que têm sua produção organizada para o consumo de bens, serviços e paisagens, o que remete ao consumo hedonista do lazer.

Figura 5: Os “Sete Coqueiros” antes da urbanização da orla de Pajuçara – Maceió³.



Fonte: Imagem de domínio público (s.d.).

2.2 O desenvolvimento da destinação Maceió (1979 – 1985)

Para Veras Filho (1991), assim como nas constatações dos estudos de Costa (1998) e Rangel (2010), o elemento básico que impulsionou o turismo na destinação Maceió foi a implantação do Hotel Jatiúca, o que ocasionou grande afluxo de turistas. Ao coligir informações de 20 entrevistados, os quais foram qualificados por ele como profissionais que detêm conhecimento técnico sobre esta destinação, Rangel afirma que foi quase unanimidade entre esses entrevistados (18 deles assim se posicionaram) situar o período pós 1979, quando ocorre a inauguração do Hotel Jatiúca, como o início do desenvolvimento do turismo em Maceió, marcado pela venda de um produto característico de “sol e praia”⁴.

Também, apesar da década de 1980 configurar um cenário nacional de crise econômica (PEIXOTO, 2008), no começo dessa década, a Ematur estava institucionalmente um pouco mais madura, e trabalhava em parceria com agências de viagens locais (VERAS FILHO, 1991). Esse órgão também interagiu com outros municípios turísticos do Nordeste, como ilustra a figura 6.

Nessa época, pairava certo clima de otimismo para o turismo em Alagoas, e nos anos de 1981 e 1982, o Hotel Jatiúca realizou inúmeras propagandas, lançadas nas principais revistas do país, assim como nos jornais de maior circulação no Sul e Sudeste do Brasil (VERAS FILHO, 1991).

Com base em dados do “Relatório Evolução dos Meios de Hospedagem – 1982/2005” da Secretaria de Estado de Turismo de Alagoas, Peixoto (2008), no ano de 1982 Maceió tinha 11 hotéis, contando com 725 unidades habitacionais – UH’s – e 1.438 leitos. Nesse mesmo ano, pela primeira vez na sua história, o destino ganhou um Prêmio Imprensa de Turismo, sendo eleito “O Município Turístico do Ano”.

³ Note-se que a denominação histórica desse ponto turístico não é condizente com a antiga imagem, que tem mais de coqueiros. Atualmente, tal ponto ainda tem a antiga denominação, mesmo ainda contendo um número de coqueiros maior que sete.

⁴ Maceió sempre teve, e tem, como segmento turístico predominante o chamado “turismo de sol e mar” ou “sol e praia”. Barros (1998, p. 36) utiliza a denominação anglo-saxônica para esse segmento: SSS, do inglês “*sun, sand and sea*”.

Veras Filho (1991) aponta que, no ano de 1985, houve pouco incremento no número de visitantes, mas a Ematur registrou a existência de 20 pousadas (no estilo hotéis econômicos, não necessariamente em prédios históricos, na época classificadas oficialmente como hospedarias de turismo), um nicho de mercado que começava a ser explorado, como alternativa aos turistas que não queriam horeis luxuosos, tampouco o uso de campings. Também foram construídos 14 novos hotéis, agregando 924 leitos à oferta

2.3 O Período de consolidação (1986-1988)

Em 1986, de forma exacerbadamente otimista, eram esperados 1.000.000 de turistas na destinação Maceió, o que não ocorreu, mas mesmo assim houve um incremento com relação ao ano anterior, e oficialmente registrou-se 514.061 turistas⁵ (VERAS FILHO, 1991). A certeza que se tem é que com os incentivos institucionais e a implantação de importantes unidades hoteleiras, milhares de visitantes vieram à cidade, atraídos, principalmente, pelas praias e beleza cênica da cidade (COSTA, 1998). Conforme Lykouropoulos (2006), com esse incremento da demanda turística, jornais de significativa relevância nacional como Folha de São Paulo, Estado de São Paulo e Zero Hora, publicaram reportagens que reforçaram a imagem de Maceió como destino turístico.

Também houve incremento no aluguel de imóveis por temporada, no surgimento de pousadas, e nos empregos locais, a exemplo dos pescadores que também passaram a transportar turistas para a piscina natural da Pajuçara (LYKOUROPOULOS, 2006). A essa altura – segunda metade da década de 1980 – Maceió tinha se tornado uma das principais destinações dentre as capitais nordestinas.

Assim, 1987 se inicia com o slogan de “Ano Internacional do Turismo” com a consolidação do que foi plantado nos anos anteriores, com hotéis como o Jatiúca, o Ponta Verde e o Pajuçara lotados (VERAS FILHO, 1991). Nesse ano também é inaugurado o Matsubara Hotel, o primeiro cinco estrelas do Estado (MARTINS, 2006). No período de 1983 a 1987 houve registro de crescimento de unidades hoteleiras de uma a cinco estrelas, no qual esse número dobrou, passando de 11 para 22 unidades (RANGEL, 2010). Ainda nesse ano de 1987, a Ematur fixou alguns objetivos para conduzir a política pública de turismo para Maceió, como a confecção de placas sinalizadoras em outros idiomas, a construção de um centro de convenções, assim como a elaboração de um estudo detalhado sobre as potencialidades do turismo alagoano, porém a escassez de recursos públicos, na época, não permitiu a implementação dessas políticas (LYKOUROPOULOS, 2006).

Contudo, prenunciando a estagnação, Veras Filho (1991, p. 148) aponta que o mês de Julho de 1987 já demonstrava quedas no fluxo turístico e descreve bem o cenário urbano no início desse período do turismo na destinação Maceió, que perdurou até 1989:

[...] o ano de 1987 marcou o início do caos generalizado na Prefeitura de Maceió. Nossa capital era uma cidade imunda. A sujeira já tinha tomado conta de todos os locais, a começar pelas praias, a atração maior dos visitantes. Nas ruas, a conservação da pavimentação deixou de ser feita, com surgimento de buracos de todas as proporções, até mesmo uma total despavimentação. Os terrenos baldios, invariável impunemente desprovidos de muros, tornaram-se depósito de lixo e a proliferação de ratos de todos os

⁵ Não obstante esse dado ser trazido pelo autor, não tivemos acesso à metodologia utilizada para a quantificação. Nesse sentido, não temos responsabilidade direta sobre os dados dessa fonte.

tamanhos assustava a população. O aspecto urbano de Maceió era o pior possível.

A partir daí desenha-se um quadro diferente daquele dos anos anteriores de prosperidade no turismo em Maceió, pois além dos problemas relatados anteriormente, as tarifas aéreas aumentaram e a rede hoteleira local praticava preços considerados altos para a região Nordeste, o que, conforme esse autor (Ibid.) gerou uma queda de fluxo de turistas na temporada de julho de 1987. Conforme Rangel (2010, p.152):

Desta forma, ocorre um crescimento acelerado do turismo entre os anos de 1979 a 1987, com aumento superior a 100% na quantidade de hotéis e obtenção do maior nível quantitativo de turistas em Maceió em 1986. Uma importância é dada ao turismo como real potencial econômico da destinação Maceió. Porém, com graves crises na economia nacional a partir de 1986-1987, bem como fatores externos, acabam por inibir uma continuidade do crescimento. Em 1988, a demanda sofre um decréscimo, apesar de continuar próximo ao nível de 1986. Em 1989, a hotelaria registra um ano crítico, com ocupação de 30% da capacidade.

Esse quadro perdurou durante o ano de 1988, o que gerou reclamações dos turistas junto aos comerciantes locais. Apesar de no ano de 1989 os problemas urbanos de ordem ambiental terem melhorado, os problemas ocorridos anteriormente já se refletiam na ocupação hoteleira da cidade, que enfrentava um quadro de ociosidade em torno de 70% os seus apartamentos (LYKOUROPOULOS, 2006).

2.4 O período de estagnação (1989-1996)

Com o incremento hoteleiro da segunda metade da década de 1980, em 1990 a cidade contava com 61 hotéis, 2.578 HUs e 5.233 leitos, o que em comparação com os números de 1982, representou incrementos percentuais respectivos de 454,55%; 255,59% e 263,91% (PEIXOTO, 2008). Contudo, após tal período de desenvolvimento, houve uma queda acentuada no movimento turístico, devida a problemas político-institucionais e de instabilidade econômica (BASTOS, 1998). Tais fatores iniciam um período de estagnação no desenvolvimento turístico local.

Em âmbito nacional, o início da década de 1990 foi marcado pela implementação da política neoliberalista no Brasil. Nesse período, o país passou por uma grave crise político-econômica que causou grande decréscimo no Produto Interno Bruto – PIB. Diante desse quadro, o desenvolvimento do turismo foi apontado como uma salvação para muitos dos problemas econômicos do Brasil (RODRIGUES, 2001). Iniciam-se, no setor turístico, discussões sobre as possibilidades de uma participação competitiva na economia internacional (CAVALCANTI; HORA, 2002).

Segundo Peixoto (2008), nesse período, logrou-se a estabilização da moeda brasileira com o Plano Real, fato que incentivou a indústria hoteleira a vislumbrar uma nova fase de desenvolvimento no país. Em âmbito local, ocorrem grandes modificações, e os investimentos da rede hoteleira tomou novos rumos, passando a concentrar-se, cada vez mais, nas orlas dos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca, que começam a receber cada vez mais empreendimentos hoteleiros. O outro lado desse processo ocorre com a desvalorização da Praia da Avenida da Paz, área urbana que se degradou principalmente por conta da poluição do Riacho Salgadinho.

No que se refere à hotelaria, em 1990, o Hotel Jatiúca empreende o lançamento do que foi considerado o primeiro *Resort Flat*” de Maceió, mesmo ano em que foi inaugurado o “Meliá Maceió Bouble Reverse Flat”, os dois na orla de Jatiúca (VERAS FILHO, 1991; MARTINS, 2006). No entanto, em 1992, quinze empreendimentos hoteleiros fecham suas portas, inclusive os tradicionais Hotel Atlântico e Luxor Hotel de Alagoas, o que sacramentou a decadência da rede hoteleira na praia da Avenida. Até 1997 nove hotéis ainda fecharam suas portas na cidade de Maceió (PEIXOTO, 2008). A rede hoteleira fica estagnada e passa de 23 unidades em 1990 a 22 ao fim dessa mesma década.

Alguns dados importantes trazidos por Bastos (1998) foram de uma pesquisa realizada pela Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste – Sudene, a qual constatou que Maceió, comparando-se os anos 1996 e 1990, foi a única capital nordestina que apresentou um decréscimo no índice de ocupação dos meios de hospedagem (-8%), enquanto o crescimento médio das outras capitais teve uma média de 12%. No que se refere ao fluxo de entrada de turistas em meios de hospedagem, nesse mesmo período, novamente Maceió foi a única capital com redução de crescimento percentual (-19,4%).

Sobre esse período de estagnação, Rangel (2010, p. 153) faz interessante síntese analítica no trecho abaixo citado:

A década de 1990 se caracteriza pela criação das secretarias de turismo de estado e do município de Maceió, com objetivo de elaborar políticas que possam fazer com que haja organização do setor e crescimento na demanda turística, uma vez que a destinação começou a entrar em uma fase de estagnação a partir do início dessa década. A principal razão para a entrada da destinação em período de estagnação foi largamente a falta de planejamento, com o turismo crescendo de forma espontânea, o aumento nos problemas de falta de qualificação profissional dos serviços, uma dependência da iniciativa privada em relação ao poder público, esperando o governo criar condições mais favoráveis para investimentos, e os sérios problemas ambientais pelos quais a capital alagoana passou a enfrentar.

Apoiando-se em Butler (1980), Rangel (2010) afirma que a degradação crescente do meio ambiente em um destino, no decorrer de seu ciclo de vida, é fator chave que leva-o a estagnar, o que ocorreu com Maceió, ao nosso ver, principalmente nas suas praias urbanas, com problemas de lixo e contaminação devido aos efluentes não tratados que desembocam nessas praias.

Ainda para esse autor (ibid.), ocorreu o problema de gestão da constante troca de administradores públicos em nível estadual e municipal: “Com as trocas de governo devido às eleições, a mudança é ainda mais radical e a falta de planos e projetos consistentes e de longo prazo, faz com que haja interrupção de uma linha de ação e se inicia um outro ciclo de projetos, elaborados pelo novo secretário” (RANGEL, 2010, p.153). Apesar de tudo isso, o fluxo de turistas voltou a crescer novamente a partir de 1997, conforme veremos adiante.

3. O destino Maceió pós-1997

O modelo de Butler (1980) sugere que após a estagnação, uma destinação pode ter três cenários: declínio, estabilização ou rejuvenescimento, em diferentes escalas. Seguindo o termo de Agarwal (1997), Rangel (2010) sugere que o período histórico, iniciado em 1997, seja considerado o marco da pós-estagnação, para o destino Maceió, o qual detalharemos a seguir.

3.1 Alguns dados estatísticos do início da pós-estagnação

Conforme Bastos (1998), com base em dados da Ematur, em 1997 Maceió dispunha de 3.513 UHs distribuídas em 104 meios de hospedagem (considerando-se hotéis e pousadas), contudo, tal disponibilidade não significou uma ampliação da demanda turística para essa destinação.

No que se refere ao perfil dos turistas, esse autor cita novamente os dados da Sudene, sobre visitantes que vieram a Maceió. Nesse período, 91% deles vieram motivados por passeio ou visita e negócios; apenas 4,6% vieram para eventos; 80% não utilizaram os serviços de agências de viagens; e aproximadamente 70% vieram influenciados por comentários e propaganda boca a boca de parentes ou amigos já conheciam Maceió, sendo que 96% dos viajantes que vieram a Maceió nesse período manifestaram desejo de retornar.

Essa mesma pesquisa, de maio de 1997, ainda revelou que um grande percentual dos entrevistados (64,8%) considerou os atrativos naturais de Maceió como ótimos; mais de 87% desses visitantes entrevistados evidenciaram os equipamentos de lazer, os serviços de passeio e a hospitalidade como itens bons ou ótimos; outros 86% consideraram os meios de hospedagem como bons ou ótimos. Itens como informações turísticas; sinalização turística; possibilidade de comércio e compras e a limpeza urbana foram considerados insatisfatórios (ruins ou péssimos).

3.1.1 Estatísticas do turismo de sol e praia

Quando Maceió entrou na fase de pós-estagnação (RANGEL, 2010), experimentando uma possível fase de rejuvenescimento na sua demanda turística, constatamos o que vem se evidenciando ao longo do tempo. Com base em dados da Secretaria de Turismo de Alagoas - Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) há uma predominância do segmento de “sol e praia” nessa destinação, o que confirma nossa hipótese de que esse segmento cada vez mais se tornava consolidado e prioritário no turismo de Maceió. Esses dados não estão disponíveis para anos anteriores, mas se fizemos uma média do percentual de visitantes registrados pela Setur/AL, em Maceió, verificamos que, entre os anos de 1998 e 2006, 53,09% deles vieram a passeio, considerando-se esse intervalo temporal (vide quadro 2).

Quadro 2: Percentuais de Visitantes em busca de atrativos naturais em Maceió de 1998 a 2006.

NO	A	1	1	2	2	2	2	2	2	2	2	2
	998	999	000	001	002	003	004	005	006			
visitantes em busca de atrativos naturais	4,10%	0,30%	0,80%	2,28%	0,79%	2,81%	2,90%	3,10%	6,50%			

Fonte: Elaboração própria com base em Alagoas (s,d.).

Com relação ao fator decisório da visita, a média entre 1998 e 2006 é de 93,58% visitantes que vieram em busca de atrativos naturais. Ainda, para corroborar esses dados, na pesquisa de 2003 o mesmo órgão detectou a maior motivação dos visitantes que buscavam os atrativos naturais: 98,33% deles buscavam atrativos do tipo litoral/praias (essa é a terminologia

usada na mencionada pesquisa). Ressalte-se que não há dados, dessa natureza, disponíveis para anos posteriores.

Com a predominância do segmento de “sol e praia”, tornou-se premente a necessidade de se diversificar a base da oferta turística da destinação Maceió para enfrentar sua baixa demanda de turistas nos períodos de chuva. Tomando-se como exemplo o ano de 2001, a maioria dos visitantes entrevistados pela Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) costumava viajar nos meses de Novembro, Dezembro e Janeiro (59%), ou seja, na alta estação de verão. Nos meses de Junho e Julho, também considerados alta estação, a cidade sofria com problemas de sazonalidade por conta das chuvas. Uma das tentativas para melhorar essa situação foi investir na construção de um terminal aeroportuário mais moderno, juntamente com o novo centro de convenções, além de se tentar diversificar a atratividade do destino, criando melhores opções de atrativos histórico-culturais, como ocorreu com a frustrada política de revitalização do bairro de Jaraguá, fomentada através do Programa para o Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – Prodetur/NE, entre a década de 1990 e início dos anos 2000.

3.1 O Prodetur em âmbito local e a “revitalização” do bairro de Jaraguá

Em pesquisas anteriores⁶, estudou-se as consequências da primeira etapa do Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste – Prodetur/NE⁷ na capital alagoana, mais especificamente, no Bairro de Jaraguá. Nas décadas de 1990 e 2000, o Jaraguá foi submetido a um projeto de revitalização através do Prodetur-NE, o qual tinha como alguns de seus principais objetivos: a criação de novas áreas turísticas; o resgate do patrimônio histórico/arquitetônico do bairro; a melhoria das condições de vida da população local; a preservação de ecossistemas terrestres e marinhos e a melhoria das condições de acessibilidade às áreas de intervenção.

No que se refere às intervenções, algumas obras propostas nesse projeto, como o melhoramento das calçadas e a criação dos calçadões; a recuperação de praças e de prédios históricos, a construção do Centro Cultural e de Exposições, entre outras foram executadas, contudo, outras foram notadamente deixadas de lado, como melhoria das condições de vida da população local, preservação de ecossistemas terrestres e marinhos (VASCONCELOS, 2004, 2005, 2007).

Acreditando na recuperação da dinâmica local, alguns empresários investiram em equipamentos de lazer, restaurantes, dentre outros, concentrando esses investimentos principalmente na Rua Sá e Albuquerque, que se tornou, novamente, a mais movimentada do bairro, e uma das mais frequentadas na noite maceioense (figura 7). Tais empreendimentos, agregados ao novo visual decorrente do restauro de alguns principais monumentos dessa rua, atraíram novamente os maceioenses e os visitantes (turistas e excursionistas) para o lazer noturno do bairro (VASCONCELOS, 2004, 2005, 2007).

⁶ C.f.: Vasconcelos (2004, 2005, 2007).

⁷ O Programa surgiu através de uma iniciativa dos Governadores dos Estados do Nordeste, sendo formalizado através da portaria conjunta da Superintendência de Desenvolvimento do Nordeste - Sudene / Instituto Brasileiro de Turismo – Embratur (portaria n.º 01/91 de 29 de novembro de 1991), com o propósito de desenvolver o turismo integrado na região Nordeste (e Norte do Estado de Minas Gerais), estimulando o aumento do nível de empregos e a geração de renda, através do fortalecimento do fluxo turístico. O objetivo central do programa seria induzir investimentos em infraestrutura turística, buscando suprir as deficiências de infraestrutura básica e dos serviços públicos. Isso se daria nas áreas em expansão turística, onde a capacidade do estado não acompanhou a demanda por tais serviços (Ibidem).

Figura 6: Lazer noturno na Rua Sá e Albuquerque, Jaraguá, após a “Revitalização do Bairro”.



Fonte: Imagem de domínio público (s.d.).

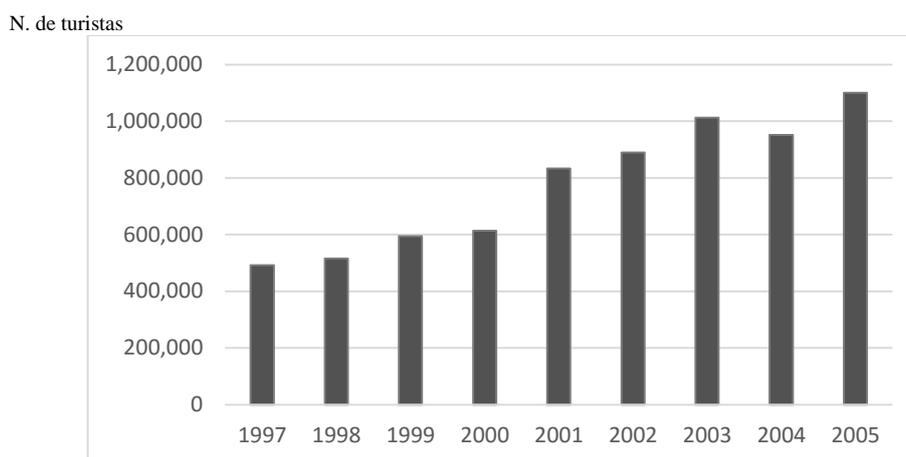
Entretanto, com o passar dos anos iniciais do século XXI, o que se percebeu foi que os processos de revitalização do bairro de Jaraguá e as tentativas de turistificação não lograram êxito. A maioria dos empreendimentos na área de alimentos e bebidas fechou suas portas em um curto espaço de tempo, e já em 2003 a demanda por lazer e turismo no bairro era praticamente inexistente, o que a nosso ver se relaciona a uma ausência de gestão pública e privada desse bairro para usufruto turístico e recreacional, não obstante os grandes investimentos vislumbrados (VASCONCELOS, 2004, 2005, 2007).

Desde que efetivada, a revitalização de Jaraguá teria um papel fundamental para diversificar a atratividade do destino, criando maiores opções de atrativos histórico-culturais para um destino dependente das demandas de turismo de sol e praia.

3.2 A destinação Maceió e a Urbanização Turística no Século XXI

Não obstante o insucesso da requalificação de Jaraguá para o turismo de lazer, em 2005 foi inaugurado, nesse bairro, o Centro Cultural e de Exposições de Maceió. Segundo Martins (2006), até esse momento, Maceió era a única capital nordestina que não contava com um Centro de Convenções. Para esse autor, a construção desse equipamento e a inauguração do novo Aeroporto Internacional Zumbi dos Palmares, no mesmo ano, capacitou Alagoas e Maceió a receberem voos internacionais, trazendo significativos retornos para o turismo local e estadual. Segundo dados da Setur/AL (ALAGOAS, s.d.), no ano de 2005, Maceió recebeu 1.100.780 visitantes, superando a marca de 951.922 visitantes registrada no ano anterior, como ilustrado no gráfico 1.

Gráfico 1: Representação evolutiva do fluxo global de visitantes em Maceió (1997 a 2005)



Fonte: elaboração própria com base em Alagoas (s.d.)

Com relação à rede hoteleira, Rangel (2010) afirma que Maceió praticamente estagnou no que se refere à disponibilidade de leitos totais (incluindo hotéis, pousadas, albergues, motéis e outros imóveis) entre 2002 (14.704 leitos) e 2007 (14.990). Conforme Peixoto (2008), baseado em dados da Setur-AL, no segundo semestre de 2007, Maceió contava com 46 hotéis que ofertavam 3.315 UHs e 7.310 leitos; assim como com 36 pousadas que ofertavam 513 UHs e 1.359 leitos, o que em comparação com os dados do final da década de 1980, por exemplo, assinala um menor número de hotéis, mas que aponta um crescimento do número de leitos disponíveis, em função do maior porte e da diversificação dos empreendimentos que surgiram.

Um importante marco dessa década foi a criação de políticas de qualificação e requalificação urbana em Maceió, entre 2007 e 2009, quando o poder público municipal promoveu a revitalização das orlas das praias de Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara (figura 8), consolidando esse trecho urbano como o principal corredor de turismo e de lazer da cidade. Essas intervenções valorizaram ainda mais as características urbanísticas dessa parte da cidade, ao longo de um trecho de grande beleza natural, representada pelo coqueiral, praias, mar e os recifes costeiros, dentre os quais os que formam a Piscina Natural da Pajuçara. Esse conjunto de aspectos artificiais e naturais fizeram com que a orla marítima de Maceió lograsse maior destaque, por sua beleza paisagística, fortalecendo ainda mais o segmento mercadológico local de “sol e praia” e, conseqüentemente, intensificando a turistificação da capital alagoana ao longo desse trecho urbano.

Figura 7: Equipamento urbano e calçada na orla revitalizada, Maceió-AL.



Fonte: Imagem de domínio público (2009).

Conforme Martins e Lima (2007), a partir da segunda metade da década de 2000, os bairros que compreendem esse trecho da orla da cidade já consolidavam um processo de adensamento populacional e valorização fundiária, diferentemente daqueles bairros localizados ao Sul do Centro da cidade, que antigamente tinham uma centralidade maior, como é o caso de onde se a Praia da Avenida que, como vimos, concentrou os primeiros meios de hospedagem modernos da cidade. Como consequência desse adensamento, e impulsionado pelo aumento da demanda turística e por residências à beira-mar, registra-se um crescente aumento na verticalização das construções nesses bairros ao Norte, a partir do Centro da cidade, com edificações destinadas a grupos sociais de alta e média renda, além de maciça concentração de imóveis comerciais e de serviços gerais, como galerias comerciais, clínicas médicas, assim como aqueles mais diretamente ligados ao lazer como bares, restaurantes, além de uma grande diversidade de meios de hospedagens, desde os mais simples, como albergues e pousadas, até hotéis que estão incluídos entre os mais sofisticados da cidade.

Acompanhando os investimentos em urbanização feitos no principal trecho turístico da cidade, o aumento do fluxo global de visitantes, e o crescimento econômico da atividade turística, grupos nacionais, internacionais e locais passaram a investir mais em infraestrutura hoteleira na cidade. Conforme os dados oficiais (ALAGOAS, s.d.), no ano de 2013 existiam 116 empreendimentos, 6.280 UHs com 16.076 leitos disponíveis, sendo a maioria deles localizados justamente nos bairros de Pajuçara, Ponta Verde e Jatiúca.

3.3 Interpretando o destino Maceió, segundo dados mais recentes

Trechos das entrevistas recentes, que nos concederam as ex-secretárias de turismo do Estado de Alagoas e do Município de Maceió (ambas encerraram suas gestões no ano de 2014) corroboram essa discussão sobre a valorização desse trecho da cidade pelo turismo. Ao questionarmos as entrevistadas sobre qual(is) o(s) ponto(s) forte(s) da destinação turística Maceió, em se tratando do espaço urbano, ambas deram centralidade à orla desses bairros – Jatiúca, Ponta Verde e Pajuçara – ainda como o espaço mais favorável e valorizado para o turismo nessa destinação, o que pode ser ilustrado na opinião de nossas entrevistadas:

[...] acho que a limitação do gabarito da orla de Maceió se tornou muito favorável ao que a orla hoje representa, acho que Maceió é um destino muito saudável, um destino em que você consegue ver um *mix* de utilização dela,

que vai desde a população, que utiliza a sua orla, como famílias, e diferentes faixas etárias, a gente não costuma ver isso em outros destinos dentro do próprio Nordeste, então isso acaba criando um ambiente natural e favorável para que esse destino de sol e praia se fortaleça [...] (Entrevistada 1).

[...] a estética da orla é deslumbrante. A ocupação e a diversificação desse grande espaço de lazer também é um grande potencial [...] eu até ressalto que, não somente para o visitante, e aí vem a máxima do turismo, [...] é o grande espaço de lazer do alagoano, é o grande espaço de lazer do maceioense [...] (Entrevistada 2).

Figura 8: Recifes nas Orlas de Ponta Verde e Enseada de Pajuçara, ao fundo.



Fonte: Maceió (2016).

Figura 09: Trecho da Enseada de Pajuçara/Ponta Verde, Maceió-AL.



Fonte: Maceió (2016).

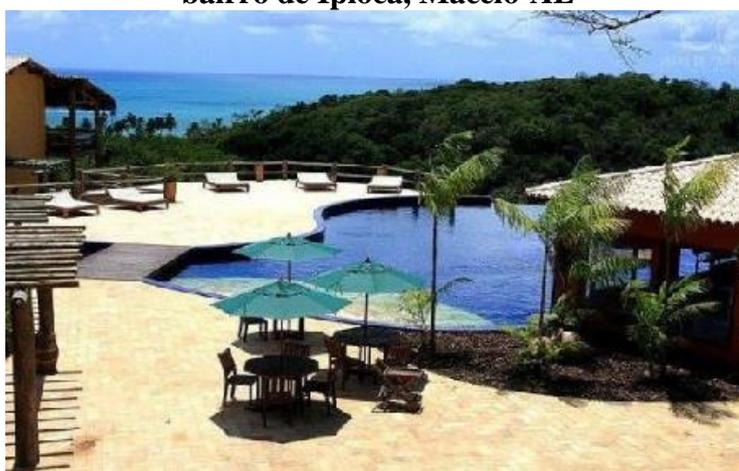
Além disso, a movimentação ocasionada pelo centro de convenções também agregou valor a esse setor da cidade, como ilustra a fala seguinte:

[...] A gente costuma brincar que Maceió é um grande resort a céu aberto, você tem na verdade o parque aquático ali, uma academia para você praticar

atividades esportivas na própria orla, você tem a área de entretenimento e lazer com uma área de restaurante e bares muito fáceis, você tem uma área de negócios que é o centro de convenções que é muito próximo da rede hoteleira, você tem na verdade uma ambiência e um grande atrativo que tudo é perto e tudo é fácil [...] (Entrevistada 1).

Apesar da centralidade desses bairros no turismo em Maceió, Martins e Lima (2007) já chamavam atenção para a recente valorização de outras partes do litoral maceioense, as quais vem sendo, há alguns anos, alvo de grandes empreendimentos imobiliários e turísticos; são os bairros mais ainda ao litoral Norte do município: Jacarecica, Guaxuma, Garça Torta, Riacho Doce, Pescaria e Ipioca. Essa porção do litoral é contemplada com um alto potencial paisagístico natural, com abundantes recursos, como praias, rios, coqueirais, remanescentes de Mata Atlântica e mangues.

Figura 9: Equipamento hoteleiro, ao lado de reserva de Mata Atlântica e Mar ao fundo, bairro de Ipióca, Maceió-AL



Fonte: Imagem de domínio público (s.d.).

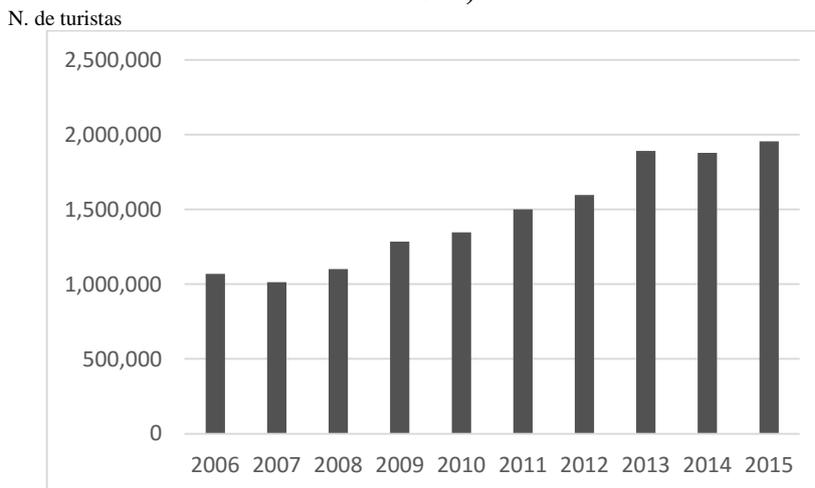
Como ainda há, nesse trecho da cidade, grandes áreas com potencial para instalação de empreendimentos imobiliários e equipamentos hoteleiros, ou resorts, existindo um grande interesse do mercado imobiliário (regional e internacional) em sua ocupação, como evidenciou o atual secretário municipal de turismo de Maceió, em Março de 2015:

[...] o litoral Norte de Maceió, [...] tá pra ser explorado ainda, os hoteleiros já sinalizam que adquiriram territórios [...] mas nós sabemos que muitos hoteleiros, inclusive em Maceió, já possuem espaços lá no litoral norte de Maceió, que vai até Ipioca [...] e especulação imobiliária associada à especulação de empreendimentos turísticos, tem espaço para crescer [...] (Entrevistado 3).

Nesse sentido, os dados mais recentes comprovam que os investimentos feitos em infraestrutura urbana e o alinhamento do trade turístico local com o poder público ocorrido nos últimos anos, como evidenciaram nossos entrevistados, têm gerado bons resultados para

os números do turismo de Maceió, como podemos observar no crescimento constante do número de visitantes, como ilustrado no gráfico 2.

Gráfico 2: Representação evolutiva do fluxo global de visitantes em Maceió (2006 a 2015)



Fonte: elaboração própria com base em Alagoas (s.d.)

Portanto, dados oficiais registram índices de crescimento contínuos e/ou regulares da demanda turística de Maceió no período 2006-2015. Segundo a Setur/AL (ALAGOAS, s.d.) no ano de 2015 essa destinação recebeu um fluxo global de 1.954.235 visitantes, que se comparados com os índices de 1997, quando a destinação recebeu 492.197 visitantes, constatamos que a demanda turística de Maceió praticamente quadruplicou em um período de 18 anos, isto é, de 1997 a 2015. Também há indicativos preliminares de que, atualmente o turismo de negócios e eventos vem ocorrendo mais na capital alagoana, e que os atrativos gastronômicos também têm se destacado.

No entanto, mesmo com essas perspectivas de crescimento, atrelado aos investimentos que vêm sendo realizados pelo poder público e pela iniciativa privada para o setor turístico local ligado às atratividades do litoral de Maceió, nossos entrevistados também apontam a existência de sérios limitadores para um rejuvenescimento mais duradouro do destino, a exemplo da forma como encarar o mercado de turismo local, ainda muito limitado ao segmento de sol e praia, sem uma efetiva iniciativa de se fomentar outros segmentos de lazer, o que pode ser ilustrado nas falas a seguir:

A gente fazendo um comparativo, por exemplo, destinos como Caribe, que é um destino sol e praia, mas a maneira que eles envelopam esse sol e praia e como eles agregam outros elementos, transformando aquilo em um produto, é muito mais profissional do que a forma como nós apresentamos o produto sol e praia aqui no Nordeste, é como se na verdade só a praia bonita, uma barraca com coqueiro, ou alguém oferecendo um produto envolvendo água fosse o suficiente, onde na verdade você pode trabalhar isso de uma forma melhor, agregando valor [...] (Entrevistada 1).

A hotelaria, por estar totalmente associada e refém, ainda que inconscientemente, desse segmento sol e praia e dessa relação com os intermediários, com agentes e com operadores, eles não querem que os recursos, ainda que públicos, sejam, entre aspas, desperdiçados com produtos que não vão para a prateleira (termo que eles usam) que não vão

vender, que não tem produtos associados, e aí vou dar uma ênfase, o produto que chamam empreendimentos e equipamentos, então o que eles chamam produto na prateleira, eles se referem à um resort de Maceió, [...] é um produto consolidado, produto que vende lá fora. Justamente por isso, porque as operadoras, ao venderem produtos, elas vendem hotéis, especificamente. Então, eles não enxergam isso acontecendo. Então se nós fizermos, vamos pensar no parque da cidade, vamos pensar em alguma pousada fazenda, alguma coisa que saia um pouquinho dessa frente, eles não acreditam nisso; se incomodam quando o gestor direciona muito o esforço a isso, e isso enfraquece aquela iniciativa de fomento à diversificação, a estruturação de novos produtos como um todo. Então esses fatores eles estão diretamente associados [...] (Entrevistado 3).

Entrevistados também identificaram a necessidade de se pensar a sustentabilidade⁸ do destino com relação a aspectos de ordem social, cultural, ambiental, dentre outros:

[...] um destino como Maceió ou até mesmo como Alagoas onde você tem uma cultura e uma economia em que é voltada para a monocultura da cana-de-açúcar onde na verdade a empregabilidade e mão-de-obra é voltada a serviço, você está lidando com gente, você tem um crescimento industrial que na verdade é muito interessante, mas que em termos de geração de empregos em função da mecanização acaba sendo muito limitada. Qual seria a grande vertente econômica de empregabilidade como um destino como o nosso? Serviço, e na verdade o turismo se insere nisso perfeitamente, mas o próprio setor não enxerga isso, ele consegue vislumbrar quando a cidade está cheia e você ver o movimento, mas ela não consegue fazer o caminho de entender a dimensão que isso pode ter, então assim para mim esse ainda continua sendo um desafio ao longo do que [...] mesmo no passado, presente e futuro essa percepção do que essa atividade pode gerar, e você ver que essa percepção é tão pouca ainda, que a destinação de recurso para o setor ela é ainda muito limitada comparada a outros setores [...].

[...] existe pouco entendimento da importância da capilaridade que o turismo pode ter como: papel de inclusão social, gerador de empregos a custo muito baixo, viés social mesmo, de você oferecer para o jovem oportunidade de trabalho no seu local de moradia, evitando, o êxodo e o inchaço de outras grandes cidades, o sentimento de pertencimento ao local onde eles moram, porque com essa alinhamento com a cultura você [...] não preserva aquilo que você não conhece, então se você conhece o seu local, você se apropria da sua história, então você preserva aquilo, porque você conhece aquilo que está preservando, dá para se trabalhar [...] Por exemplo, infelizmente o

⁸ Sachs (1993) preceitua que este enfoca um desenvolvimento socioeconômico orientado para a satisfação de dimensões amplas do ser humano. Franco (2001) elencou algumas dessas dimensões, que transpõe a esfera econômica, como a social, a cultural, a ambiental e físico-territorial, a político-institucional e científico-tecnológica. Dessa maneira, também podemos considerar que o “[...] desenvolvimento local é um modo de promover o desenvolvimento que leva em conta o papel de todos esses fatores para tornar dinâmicas potencialidades que podem ser identificadas quando olhamos para uma unidade sócio-territorial delimitada” (FRANCO, 2001, p. 31). Nesse sentido, a atividade turística pode ser um condicionante de desenvolvimento local sustentável, pois, quando bem planejada, torna-se harmônica aos recursos físicos e socioculturais dos destinos.

maceioense e o alagoano têm uma estima muito baixa e tem uma visão muito pejorativa em relação ao seu estado, então o turismo com esse viés, no futuro eles podem trabalhar e incentivar esse sentimento de pertencimento ao próprio local que as pessoas nasceram [...].

[...] quando você pega, por exemplo, meio ambiente, que no caso do turismo é um dos principais atrativos, ainda mais na indústria do sol e praia e você vê essa pouca percepção...por exemplo, a necessidade de saneamento, que na verdade não é para o turismo, é uma questão que vem lá para trás, é uma questão de sociedade, que acaba se refletindo para fora, e acaba refletindo uma visão que o externo tem dessa localidade. Então, assim, em geral a própria questão da infraestrutura, a própria qualificação da mão-de-obra, e nisso passa pela questão do privado, é aquela coisa você está lidando com serviço, você tem essa necessidade, mas também qual é o investimento que você faz, então nessa questão é uma coisa que é um ciclo [...] (entrevistada 1).

Enfim, no que diz respeito ao que podemos considerar o rejuvenescimento experimentado pelo destino Maceió ao longo da última década, e a partir dos dados anteriormente trazidos, há alguns aspectos importantes a serem destacados antes de finalizarmos:

1) Diversos estudos relatados por Butler (2006) demonstram que, na realidade, os destinos turísticos tendem a passar por períodos sucessivos de estagnação e rejuvenescimento. Portanto, é necessário um cuidado permanente de planejamento e gestão do destino Maceió, para minimizar as possibilidades de outra situação de estagnação;

2) Barros (2009) propôs que os destinos turísticos litorâneos do Nordeste do Brasil tendem a ter uma relativa tendência a estender o seu ciclo de vida, com base no crescimento da demanda, devido à existência de reservas de natureza preservada que permitem um aumento na espacialização horizontal do destino, a despeito de, às vezes, se negligenciar a gestão ambiental. No caso de Maceió, além de as condições ambientais terem melhorado em relação ao período de transição 1980-1990, há, como mencionado acima, grande estoque de áreas preservadas no litoral norte da destinação, o que tem gerado uma expansão física do destino, o que aparentemente está gerando certo otimismo em relação ao futuro de médio prazo do destino;

3) O rápido crescimento do turismo no litoral norte de Maceió, com alterações significativas no seu patrimônio ambiental, criando conflitos com comunidades locais, poderá criar novamente uma situação crítica no que concerne às possibilidades de um prolongamento do atual processo de rejuvenescimento. Essa situação merece atenção permanente, pois de acordo com Butler (1980), a variável ambiental encontra-se entre os principais fatores que contribuem para a estagnação das destinações turísticas. Assim em contextos afetados por problemas socioambientais, o poder público é chamado a interferir com grandes investimentos para resolver ou minorar tais problemas.

4) Também devemos considerar que Maceió é uma localidade de imensurável patrimônio cultural, com rica cultura popular, com seus folguedos, suas tradições e diversas expressões artísticas ainda subvalorizadas como atratividades turísticas, que muitas vezes aparecem apenas nas superficiais propagandas “para turista ver”, o que se alia a já mencionadas fragilidades sociais, ambientais, políticas, e de gestão urbana, que são

verdadeiros empecilhos na busca de um destino turístico pautado em um desenvolvimento local e sustentável, mas que podem ser minoradas e geridas caso o trade turístico local e os gestores públicos alinhem seus esforços para isso.

4 Considerações finais

Este trabalho teve como objetivo descrever e analisar a evolução histórica da destinação Maceió-AL, buscando explicitar as suas fases evolutivas. Inicialmente, esse destino evoluiu de forma espontânea, isto é, sem um planejamento prévio. Mesmo a partir do período em que a destinação deu sinais de ser portadora de grandes potencialidades para o turismo, no início da década de 1970, nela não emergiu um planejamento oficial abrangente. Mesmo a incipiente base institucional criada na década de 1970 não teve como exercer um planejamento consistente (RANGEL, 2010).

Assim, conforme esse autor (Ibid.) a destinação evoluiu do início da fase desenvolvimento até o final da fase estagnação em apenas 17 anos, de 1979 a 1996. Esse ritmo rápido de evolução da destinação expressa bem o relevante número de variáveis atuantes sobre o comportamento do turismo em Maceió, variando de questões internas como crises administrativas e problemas ambientais, até a influência de fatores externos, como crises financeiras nacionais e a competição de outras destinações.

Em termos de espacialização urbana, foi demonstrado que grande parte da orla marítima do destino evoluiu agregando hotéis, pousadas, restaurantes, e diversos outros tipos de serviços, assim como infraestruturas de lazer, ao tecido urbano da cidade. À medida que a destinação evoluiu, houve uma mudança nas áreas de interesse para localização de meios de hospedagem e de infraestruturas urbanas e de lazer, do eixo centro da cidade em torno da Praia da Avenida, para o trecho de orla situado entre o Porto de Jaraguá e praia de Cruz das Almas. Constatamos, também, que há uma tendência de avanço na implantação de meios de hospedagem para praias localizadas além de Cruz das Almas, em direção ao litoral norte do município.

Esse trabalho pontuou que as iniciativas governamentais voltadas ao setor turístico em Maceió privilegiaram criar uma base institucional para a gestão turística e promoção da destinação, assim como uma melhor qualificação urbana da orla marítima da cidade, buscando torná-la mais atrativa, especialmente após o ano de 2007, período que iniciou um novo crescimento da oferta de leitos hoteleiros, com seguido e/ou continuado crescimento do fluxo global de visitantes no destino. Porém, embora tais políticas sejam necessárias e básicas em uma destinação, houve certa negligência em relação à questão ambiental, a tal ponto que a demanda de Maceió enfrentou forte declínio no início da década de 1990, motivado em parte pelos problemas ambientais da destinação.

Após entrevistarmos atores diretamente ligados à recente e atual gestão pública do destino Maceió, destacamos de suas falas o reconhecimento do bom momento atual que passa o mercado para a destinação, com base no segmento que sempre norteou o ciclo de vida do destino: o turismo de sol e praia. Contudo, nas entrevistas realizadas também houve o apontamento de limitantes urbanos ao desenvolvimento sustentável do turismo nessa destinação, como esgoto a céu aberto nas ruas, poluição das praias urbanas, pobreza, moradores locais em situação de fragilidade social, especulação imobiliária, etc. Além desses fatores diretamente ligados à questão urbana, adicionamos nossa percepção sobre empecilhos

de ordem cultural e mercadológica, que dificultam a diversificação da oferta turística de Maceió.

Uma destinação com forte apelo paisagístico, construído e natural, mas que descuida do meio ambiente ao ponto de entrar em declínio por esse motivo, como já ocorreu na destinação Maceió antes do atual momento, além dos outros gargalos já mencionados, pode gerar imagens negativas perante a demanda potencial da destinação, com prejuízos para a sua capacidade de competir com outros destinos que oferecem um produto semelhante, mas que podem cuidar melhor da qualidade de sua atratividade, além de oferecer maior diversificação de atrativos.

Por fim, sabe-se que o crescimento do número de visitantes e da oferta de unidades habitacionais em meios de hospedagem não são fatores suficientes para a continuidade de crescimento e a sustentabilidade de um destino, particularmente se não houver um constante planejamento concomitante ao seu desenvolvimento turístico.

5 Referências

ALAGOAS. Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas. (s.d.). **Indicadores turísticos de 1997 a 2015**.

ALAGOAS. Poder Executivo Estadual. Governo do Estado. Lei n. 3148, de 14 de Maio de 1971. Autoriza o Poder Executivo a criar uma Sociedade por Ações, destinada a fomentar o turismo e atividades correlatas e dá outras providências. **Diário Oficial de Alagoas**, n. 91, de 15 de Maio de 1971.

ALAGOAS. Secretaria de Estado do Turismo de Alagoas. **História e Curiosidades do Turismo de Alagoas**. [20--]. Disponível em: <http://www.turismo.al.gov.br/institucional/historia-e-curiocidades-do-turismo-de-alagoas>. Acesso em: 19 nov. 2013.

AGARWAL, S. *The resort cycle and seaside tourism: an assessment of its applicability and validity*. **Tourism Management**, vol. 18, nº 3, p. 65-73, 1997.

BARROS, N.C.C. de. **Por que as destinações turísticas no Nordeste do Brasil não declinam? – uma interpretação geográfica**. Recife: Editora Universitária da Universidade Federal de Pernambuco, 2009.

BUTLER, R. W. (ed.). **The tourism area life cycle**, Vol. 1: applications and modifications. Clevedon, UK: Channel View Publications, 2006.

BRANDÃO, M. **Vade Mecum do turista em Alagoas**. Maceió: Sergasa, 1937.

BUTLER, R.W. *The concept of a tourist area cycle of evolution: implications for management of resources*. **The Canadian Geographer**, v. 24, n. 1, p. 5-12. 1980.

CAVALCANTI, K.B.; HORA, A.S.S. Política de Turismo no Brasil. ECA-USP - **Turismo em análise**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2002. p. 54-73.

COSTA, F.B. **Para onde vai o turismo de Maceió?** Uma discussão sob a ótica da sustentabilidade. Maceió: Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente – PRODEMA, 1998.

COSTA, F.B. **A Dimensão Institucional do Desenvolvimento Turístico Sustentável: o caso do Projeto Costa Dourada.** 1999. 181 f. Monografia (Mestrado em Desenvolvimento e Meio Ambiente). Programa Regional de Desenvolvimento e Meio Ambiente. Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 1999.

FRANCO, A. de. **Porque precisamos de Desenvolvimento Local Integrado e Sustentável.** 4.ed. Brasília: Instituto de Política, 2001.

HALL, C. M. Introduction. In: BUTLER, R. **The tourism area life cycle: Applications and modifications.** Vol. 1, Aspects of tourism: 28. Channel View Publications, England, 2006.

KNOWLES, T.,; CURTIS, S. The Market Viability of European Mass Tourist Destinations: A Post-Stagnation Life-Cycle **Analysis. International Journal of Tourism Research**1:87–96, 1999.

LYKOUROPOULOS, M. B. **O comércio de tapioca na orla marítima de Maceió:** Uma análise sob a ótica do desenvolvimento turístico local. 2006. 132 f. Dissertação (mestrado em desenvolvimento e meio ambiente: desenvolvimento sustentável. Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento Meio Ambiente). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2006.

MACEIÓ, Prefeitura Municipal. Seturma - Secretaria Municipal de Turismo. **Banco de Imagens**, 2016

MARTINS, Â. A. C. **Motivação, expectativa, experiência, satisfação ou desatisfação dos turistas com o produto turístico destinação: estudo sobre a área da grande Maceió – Alagoas – BR.** 2006. 321 f. Tese de Doutorado (Administração) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006.

MARTINS, C.G.M.S.; LIMA, L.M. de. **Que Imagem Vende a Cidade-Mercadoria?** Dois Estudos de Caso: Maceió-AL e João Pessoa-PB. Anais do XII Encontro da Associação Nacional de Pós Graduação e Pesquisa em Planejamento Urbano e Regional. Belém – Pará – Brasil), 2007.

MULLINS, P. *Tourism urbanization.* **International Journal of Urban and Regional Research.** Queensland, v.15, n.3, p-326-342, set. 1991.

PEIXOTO, W. S. **Gestão de custos na rede hoteleira em Maceió: construto ou realidade.** 2008. 83 f. Dissertação (Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2008.

RANGEL, M. G. **Destinação Turística Maceió: ciclo de vida e perspectivas de crescimento nos próximos anos.** 2010. 165 f. Dissertação (mestrado em desenvolvimento e

meio ambiente: desenvolvimento sustentável. Programa Regional de Pós-graduação em Desenvolvimento Meio Ambiente). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2010.

RODRIGUES, A.A.B. Percalços do Planejamento Turístico: O PRODETUR/NE. In: RODRIGUES, A.A.B. (Org). **Turismo e Geografia: reflexões teóricas e enfoques regionais**. 3. ed. São Paulo: Hucitec, 2001. p.147-162.

SACHS, I. **Estratégias de transição para o século XXI: desenvolvimento e meio-ambiente**. São Paulo: Nobel/Fundap, 1993.

TOOMAN, L.A. Applications of the lifecycle model in tourism. **Annals of Tourism Research**. v. 24, p. 214-234, 1997.

VERAS FILHO, L. **História do Turismo de Alagoas**. Maceió: SERGASA, 1991.

VASCONCELOS, D.A.L. de. **A turistificação do espaço e a exclusão de uma comunidade periférica da revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL**. 2004. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Turismo) – Sociedade de Ensino Superior de Alagoas / Faculdade de Alagoas, Maceió, 2004.

VASCONCELOS, D.A.L. de. Turistificação do Espaço e Exclusão Social: a revitalização do bairro de Jaraguá, Maceió-AL, Brasil. **Turismo em Análise** – Vol. 16. n. 1 (2005). p. 47 – 67. São Paulo. CRP/ECA/USP: Aleph, 1990. Semestral. ISSN 0103-5541.

VASCONCELOS, D.A.L. de. "Turistificação" e "revitalização" do bairro de Jaraguá (Maceió-AL): características sócio-espaciais de um "Não-lugar". **Latitude** (UFAL).v.1, p.121 - 144, 2007.

***Historical development of the tourist destination Maceió, Alagoas, Brazil:
from the earliest times to the present situation***

Abstract

This article consists of a descriptive and analytical case study that examines the historical development path of the destination Maceió-Alagoas-Brazil up to the present. The study adapted Butler's (1980) model of the Tourist Area Life Cycle and also explored the study by Rangel (2010). Study methods included collecting data through a literature review concerning the destination in point, documental analysis, and a semi-structured interview that was run with highly relevant actors directly involved with the destination management over the last decade. Results show that historically the 'sun, sand and sea' offer appears to have been the main tourist segment that has shaped and re-shaped Maceió's urban space, with the remarkable privilege of offering touristic and urban equipment concentrated along the city's seaside which have been important aspects for policy-making and for the promotion of this important brazilian destination. The study also concludes that the destination Maceió is currently going through a rejuvenation phase that started approximately ten years ago despite contextual environmental, political, social and cultural limitations which represent potential threats to the achievement of the sustainability of the destination's present rejuvenation phase.

Keywords: *Evolution; History; Tourist destination; Maceió-Alagoas-Brazil.*

Artigo recebido em 18/05/2016. Aceito para publicação em 29/06/2016